

Aalto, o arquiteto do renascimento no século XX

Sérgio Teperman

A tarefa de projetar cidades foi, desde as primeiras civilizações, uma tarefa de arquiteto. Evidentemente que há muitos séculos atrás, nem a palavra arquiteto existia. Havia alguém que tomava conta de uma obra (o "mestre" daqueles tempos, e tão escasso e pouco capacitado hoje), ou alguém que desenhava, ou que orientava. O título não existia, mas a atividade, a função equivalia ao que hoje se espera de um arquiteto.

Essa participação, surpreendentemente, remonta aos tempos da história, como a reconhecemos hoje. É curioso notar que, ao estudarmos história da civilização, uma das primeiras formas tradicionais de se conhecer um povo era:

Os egípcios construíam assim; as casas dos índios eram desta forma; as cidades romanas eram fortificadas, e daí por diante. Reconhece-se, portanto, a íntima ligação existente entre a história de um povo, a sua forma de viver e as suas casas e cidades.

A esmagadora maioria das cidades surgiu evidentemente de forma não-planejada, à beira de rios, em encontros de caminhos, enfim, a partir de acidentes geográficos e de rotas de comércio, de peregrinação, de campos de guerra. Ao longo do tempo, ainda assim, essas aglomerações passaram a ter as suas edificações principais (sempre com a igreja em primeiro lugar) estudadas de forma ordenada e isso significou a participação dos "arquitetos" da época no seu desenho. Das igrejas e palácios passou-se para as praças e espaços adjacentes e a atividade de "urbanista" dentro de uma cidade viva passou a existir.

Ao lado dessas cidades, nascidas espontaneamente, decisões políticas e militares impunham o planejamento de novas aglomerações, além da criação de grandes áreas planejadas nas cidades existentes. Aos arquitetos (tal qualificação passou a existir mais claramente antes do renascimento), coube naturalmente executar todos esses planos, que consideravam alguns pontos mais importantes nos seus estudos: a importância política do que projetavam, a proteção contra ataques, o saneamento e a beleza da composição arquitetônica, uma vez que o projeto não era um plano em duas dimensões, as cidades eram já imaginadas com os seus principais edifícios fazendo parte do conjunto urbanístico.

Esse processo existiu durante séculos e é responsável diretamente pela beleza arquitetônica das cidades européias, das cidades coloniais da América Latina, dos grandes conjuntos do oriente, na Índia notadamente. A revolução industrial, inicialmente, e os grandes movimentos sociais deste século passaram, no entanto, a criar as grandes cidades e a provocar a necessidade da entrada em cena de dezenas de especialistas na atividade que hoje se denomina "planejamento urbano". Essa atividade, no entanto, só passou surpreendentemente a existir, de maneira organizada, com o ingresso de geógrafos, sociólogos, engenheiros de diversas categorias, após a Segunda Guerra Mundial. Até essa fase, cidades, ou melhor, projetos de cidades, com propostas principalmente teóricas, foram feitas às centenas, mas ainda da forma como se faziam nos séculos anteriores: a partir do desenho e dos conceitos de um *capo maestro* que era o arquiteto. Naturalmente, os arquitetos deste século que projetaram cidades levaram em consideração os novos requisitos da civilização moderna (principalmente o automóvel), mas a sua abordagem sempre foi a de arquitetos, com a visão do conjunto edificado preponderando sobre os conceitos mais amplos



SÉRGIO TEPERMAN é arquiteto formado pela FAU-USP, estagiou no escritório de Alvar Aalto em Helsinque, Finlândia, de 1962 a 1964, trabalhou nos projetos das embaixadas da Dinamarca e Noruega em Brasília. É presidente da Associação dos Arquitetos do Brasil e colaborador de vários jornais e revistas do país.

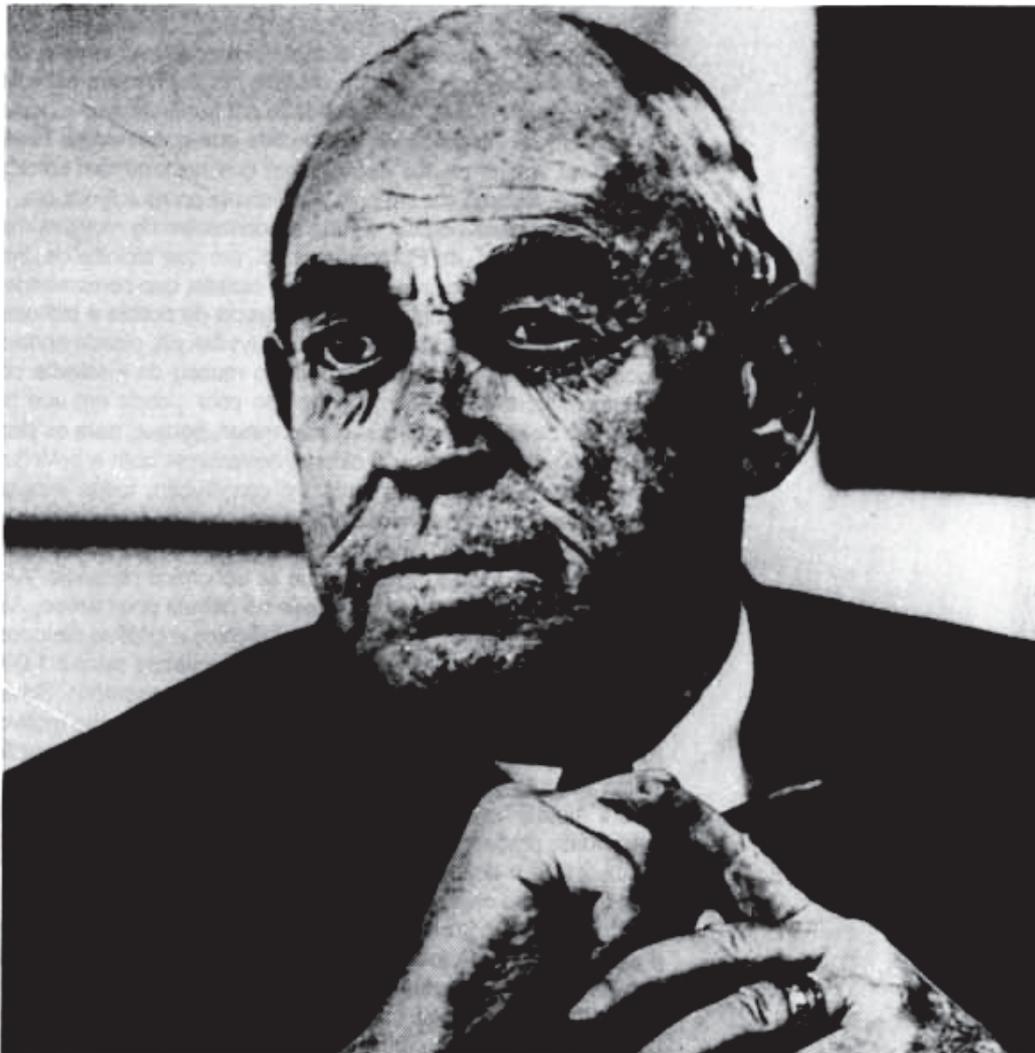


A prefeitura e o centro comunitário de Säynätsäko, pequena aldeia finlandesa projetada por Aalto

do planejamento global. Nos dias de hoje, não se concebe mais uma cidade sendo projetada desta forma. Utilizam-se dezenas de especialistas e centenas de profissionais de todas as áreas que, através de estudos sociológicos, técnicos, físicos, de modelos matemáticos e utilizando milhares de dados os mais diversos, propõem o que consideram ser a hipótese mais adequada para o plano de uma cidade. Qual é o resultado desse trabalho imenso e aprofundado? Uma colcha de retalhos.

É um paradoxo que tanto esforço de profissionais tão capacitados produza esse resultado, mas há uma razão para isso. Ao considerarem todos esses dados de forma igualitária, os profissionais que participam desse trabalho (inclusive os arquitetos) se esquecem de um fato que seus colegas de séculos anteriores jamais negligenciaram. É que, no final, a cidade é, não um desenho de planos e de manchas pintadas com as destinações imaginadas para as diversas atividades, mas uma coisa completamente diferente: de um lado, um conjunto de aglomerações que muitas vezes se comporta de forma totalmente espontânea, e que não obedece aos regulamentos impostos pelos planejadores. De outro lado, os arquitetos dos séculos passados sabiamente consideravam que o conjunto edificado devia ter uma personalidade e uma beleza próprias, que desse a cada morador o prazer de viver na sua cidade ou bairro, que o identificasse com os locais por onde passava e que o diferenciasse das demais cidades. Para isso é necessário que *acima* (e notem que sublinho acima) de todas as tabelas, índices, computadores, técnicos, cientistas sociais, etc., exista alguém que pense na cidade como um conjunto único, edificado, harmônico, visualmente atraente e movimentado, e esse profissional é um arquiteto. A falta de uma posição marcante desse profissional determina a impessoalidade de uma construção e a monotonia das novas cidades planejadas neste século, Brasília incluída, porque apesar da participação forte dos

arquitetos no seu planejamento, os conceitos que adotaram, se reconhece hoje, não foram os mais adequados. Um exemplo típico dessa "impessoalidade" é um tipo de edifício que possui tantas características técnicas a serem obedecidas que, caso não se dê mão forte a um arquiteto que imprima a sua personalidade no projeto, todos esses edifícios acabam ficando iguais. O tipo particular de edifício a que nos referimos (mas pode-se adaptar a tantos outros) é o de um aeroporto, e é conhecido o fato de que os viajantes mais experimentados não diferenciam absolutamente um aeroporto do outro, em todas as cidades do mundo, a menos que possuam um toque particular, o que acaba tornando extremamente monótonas as partidas e chegadas de viagens, um fato que deveria ser marcante na vida de todos, pela mudança de vida que uma viagem representa. Isso não acontece jamais com os antepassados dos aeroportos (os portos e as estações de trem), os portos, pela espontaneidade de sua construção e, as estações de trem, pela personalidade que os autores dos projetos imprimiam às suas obras. Neste século de tecno-sociologia, no entanto, um arquiteto foi



capaz de ultrapassar todas essas barreiras para se constituir novamente em um profissional integral, um homem do renascimento, um artista técnico-engenheiro-filósofo-sociólogo, capaz de condensar e processar todas as informações que normalmente são trabalhadas por dezenas de profissionais e produzir planos de cidades que, incorporando todos os dados técnicos e sociais necessários à sua elaboração, possuem ainda, de forma totalmente clara e definida, uma personalidade marcante e que as diferencia das "cidades" projetadas por computadores (equipamentos ou humanos, não importa).

A capacidade de Alvar Aalto de exercer o que neste século se chamou de atividade "ultrapassada" para uma só pessoa decorre de um lado de sua imensa formação cultural e técnica e de outra parte da enorme diversidade e variedade de atividades que exerceu, todas no seu campo profissional.

Assim, Aalto foi capaz de projetar com o mesmo empenho grandes conjuntos técnicos e sociais para fábricas de papel, por exemplo (em que a cidade é um apêndice da fábrica), e ao mesmo tempo pequenos abrigos de ônibus. Dedicou-se a reformas (obras que os arquitetos abominam, com justa razão, pela dor de cabeça que provocam) e a projetos em áreas onde nenhum homem havia vivido antes (certas regiões da Lapônia). Fez pintura, gravura, escreveu livros, desenhou e executou móveis, vasos, luminárias, cerâmicas decorativas e para construção, maçanetas, barcos, estantes, anúncios, pavilhões desmontáveis e túmulos eternos.

E, acima de tudo, projetou cidades e "pedaços" de cidades. Como pedaços de cidades, citamos os novos centros de cidades que hoje são citados em todos os livros de arquitetura do mundo:

Desde o centro de Wolfsburg, um dos lugares mais industrializados do mundo, a sede mundial das fábricas Volkswagen, até o centrinho de Säynätsalo, uma aldeia de 3 mil pessoas situada

O arquiteto finlandês Alvar Aalto

dentro de uma floresta e que existe em função de uma gigantesca fábrica de papel.

Transformou projetos de centros paroquiais, como o de Riola, próximo a Bologna, em verdadeiros centros de pequenas cidades, e, de maneira contrária, transformou centros de cidades em centros paroquiais, pela habilidade em tornar íntimos e humanos grandes espaços urbanos.

Além da infinidade de edificações que construiu na Finlândia e em todo o mundo, Aalto desenvolveu alguns planos específicos, que se tornaram antológicos e pontos de peregrinação arquitetônica, mesmo em um país tão distante como a Finlândia.

Entre esses pontos, alguns se destacam de maneira marcante. O primeiro é o centro da cidade de Seinäjoki, na Finlândia central, em que através de um plano integrado, ao longo de vários anos, foi construído o novo centro da cidade, que compreende a prefeitura e o centro comunitário, igreja e centro paroquial, teatro, delegacia de polícia e biblioteca, este último projeto no qual tivemos a oportunidade de participar. Em Jyväskylä, cidade onde construiu a maior parte de seus edifícios, Aalto projetou a universidade, o museu da Finlândia central e o seu escritório, projetou o próprio museu Alvar Aalto, construído pela cidade em sua homenagem. Além disso, construiu, como em Seinäjoki, mas em escala maior, porque, para os padrões finlandeses, Jyväskylä é uma grande cidade, o centro da cidade, novamente com a prefeitura, a delegacia, o teatro e mais um conjunto de edifícios atualmente em construção, todos integrados em praças, parques e jardins que constituem o novo centro da cidade.

Jyväskylä sedia anualmente um simpósio internacional de arquitetura, ao qual acorrem personalidades de todo o mundo, e que se denomina simpósio "Alvar Aalto".

Em Rovaniemi, cidade situada no círculo polar ártico, Aalto desenvolveu um de seus trabalhos de maior sentido social, político, técnico e criativo de todos os tempos, uma tarefa gigantesca para qualquer escritório americano (que às vezes possui 1.000 arquitetos), e que em Helsinki foi tocada por uma parte dos 25 arquitetos de seu escritório. Rovaniemi tinha sido arrasada pelos nazistas, em sua retirada da Finlândia, sem nenhum outro motivo estratégico que não a própria bestialidade alemã e foi erigida em cidade-símbolo da reconstrução da Finlândia, cujos políticos e militares durante a guerra cometeram a suprema imbecilidade de entrar em guerra ao mesmo tempo com a Alemanha e com a União Soviética. Aalto reconstruiu integralmente a cidade de Rovaniemi, suas ruas, praças, parques, principais edifícios (universidade, centro cívico, teatro, igreja, prefeitura, biblioteca e dezenas de outros). O que por si só já seria uma tarefa descomunal, foi engrandecida (sob todos os aspectos) pela maneira típica de Aalto trabalhar.

O arquiteto fez o trabalho de planejamento urbano, o plano urbanístico, os principais edifícios e as diretrizes para todos os outros e, finalmente, como é costume de seu escritório, projetou todos os detalhes dos edifícios, desde os acabamentos até as luminárias, os móveis, as fechaduras, os letreiros e até os vasos decorativos.

Trata-se de um sonho para um arquiteto, projetar desde a escala totalmente macro de uma cidade até o desenho dos móveis dos edifícios, mas que se pode tomar um pesadelo se o profissional não tiver o senso de coordenação necessário a essa incrível tarefa. E o escritório de Aalto, repetimos, tem 25 arquitetos e mais ninguém, divididos em dezenas de outros projetos e atividades.

Finalmente, na capital da Finlândia, o escritório projetou inicialmente o enorme conjunto do campus da universidade tecnológica de Otaniemi, no qual, além de um trabalho de urbanização integrando a universidade à cidade, foram construídas dezenas de edifícios, entre os quais se incluem alguns totens da arquitetura moderna, como o auditório central. E a grande tarefa de Aalto, que ficou por concluir, mesmo tendo sido aprovada pessoalmente, em jornada histórica no escritório, pelo presidente Urho Kekkonen, o mandachuva vitalício da Finlândia, e que pude presenciar, foi o plano da cidade de Helsinki.

O plano, que envolvia todo o direcionamento da cidade e o projeto de sua imensa área central, foi implementado apenas em uma pequena parte no centro, no qual, além do projeto urbanístico, foi construída a Casa da Finlândia, outro projeto em que trabalhei e que é atualmente considerado uma das "sete maravilhas" da arquitetura moderna. Esse edifício possui, ainda, um alto valor simbólico, por terem nele sido assinados os célebres acordos de Helsinki sobre o entendimento entre as superpotências e que agora começam a sair do papel.

O restante do plano de Helsinki inclui o direcionamento do crescimento da cidade para alguns bairros em decadência e pouco utilizados, trabalho esse totalmente implementado.

Enfim, como descrever em um artigo a vida de um homem do renascimento no século XX e sua influência não mais unicamente no círculo restrito da arquitetura, mas na vida do homem nas cidades e nas casas de todo o mundo? Talvez com duas frases do próprio Aalto:

A primeira: "No centro de minhas preocupações está o homem".

A segunda: "Uns falam, outros escrevem, eu construo".